

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
HERON ALVES DE CAMPOS**

A EMPATIA STEINIANA COMO MEIO PARA SE CHEGAR A PAZ

PONTA GROSSA

2020

HERON ALVES DE CAMPOS

A EMPATIA STEINIANA COMO MEIO PARA SE CHEGAR A PAZ

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia na Instituição de Ensino Superior Sant'Ana

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Neuza de Fátima Brandellero

PONTA GROSSA

2020

HERON ALVES DE CAMPOS

A EMPATIA STEINIANA COMO MEIO PARA SE CHEGAR A PAZ

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Filosofia da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana apresentado como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Filosofia. Aprovado no dia 27 de novembro de 2020 pela banca composta por Neuza de Fátima Brandellero(Orientador), Olmira Bernadete Dassoler e Carlos Ricardo Grokorriski

LUCIO MAURO BRAGA MACHADO
Coordenador do Núcleo de TCC

Dedico à minha família religiosa, e a todos aqueles
que se dedicam em promover o ideal de unidade e
paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a imensa graça de Deus que me chamou a estar sempre mais junto d'Ele e a viver a experiência da Copiosa Redenção dia após dia.

À minha família, simplesmente por serem eles mesmos e me fazerem conhecer o Eterno.

Ao Padre Wilton Moraes Lopes, C.Ss.R., meu pai fundador, por ser um homem do Espírito e testemunhar o amor à Deus através da acolhida de tantas pessoas carentes, reconhecendo-os como pessoas humanas e sentindo suas dores.

Aos meus irmãos de comunidade, por me ajudarem a caminhar rumo ao céu, conhecerem minhas angústias e tornarem minha vida muito mais feliz. De forma especial ao Ir. Bergson Vilalba, pela ajuda na parte textual, deste trabalho.

Ao Padre Luis Cesar de Oliveira, CR e a Irmã Tânia de Azevedo, CR, pelo testemunho de fidelidade ao carisma da Copiosa Redenção e, por me ajudarem a perceber quem eu sou e que este texto é reflexo dos valores em que acredito.

A Instituição de Ensino Superior Sant'Ana, por acolher este trabalho e por possibilitarem um encontrar com tantas vivências alheias necessitadas de um olhar.

A vários dos professores que me acompanharam ao longo do curso de Licenciatura em Filosofia, revelando seus valores e sua busca pela verdade, de forma muito especial, a Prof.^a Dr.^a Neuza de Fátima Brandellero, por seu encontro com a Verdade, que é refletido em seu modo de ser, um agradecimento especial pelo seu papel de orientadora nesse trabalho. Também a professora Lília Schainiuka por sua disponibilidade nas correções gramaticais nesse trabalho e por suas aulas sempre muito verdadeiras e divertidas, e ainda ao meu irmão de carisma, Vinícius Schultz por sua grande colaboração com o abstract.

Enfim, mais do que agradecer pela colaboração nesse trabalho, agradeço a vida de cada uma dessas pessoas que me ajudam no meu processo de autoconhecimento, e mais, agradeço por me permitirem “encontrar-se” com as vivências de cada um de vocês.

“Saber o que somos e o que devemos ser e como podemos chegar a ser é a questão mais urgente para cada um. Educar significa conduzir outras pessoas a serem aquilo que devem ser.”

(Edith Stein)

RESUMO

O presente trabalho de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico pretende demonstrar a relação existente entre o ato da empatia e a possibilidade da paz e fraternidade entre os povos. Servindo-se do pensamento de Edith Stein (1891-1942), filósofa judia também conhecida pela Igreja Católica como, Santa Teresa Benedita da Cruz, a qual foi vítima dos horrores da Segunda Guerra Mundial, sendo morta nas câmaras de gás nazistas. Tendo como base a obra "*Zum problem der Einfühlung*", traduzida para o espanhol como "*Sobre el problema de la empatia*" (versão utilizada neste trabalho), tese doutoral de Edith Stein. O primeiro objetivo específico deste trabalho é apresentar Edith Stein e seu projeto filosófico. O segundo é analisar a essência dos atos da empatia na pessoa humana a partir da fenomenologia steiniana apresentada em sua tese. Por fim, o último objetivo específico é indicar a empatia como uma contribuição para que a paz e a fraternidade entre os povos sejam possíveis. Desse modo, este trabalho serve como resposta ao documento sobre "A Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum", assinado pelo Papa Francisco e pelo Grão Imame de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb no ano de 2019 com um pedido de paz mundial, conclui-se que a empatia apresentada pela filósofa, vítima da guerra, é um meio para compreender os objetivos citados neste documento.

Palavras-chave: Fenomenologia. Empatia. Edith Stein. Fraternidade Humana. Paz.

ABSTRACT

The present work with a qualitative approach and bibliographic character intends to demonstrate the relationship between the act of empathy and the possibility of peace and fraternity between peoples. Using the thought of Edith Stein (1891-1942), Jewish philosopher also known to the Church Catholic like, Santa Teresa Benedita da Cruz, who was a victim of the horrors of the Second World War, being killed in the Nazi gas chambers. Based on the work "*Zum problem der Einfühlung*", translated into Spanish as "*Sobre el problema de la empatia*" (version used in this work), doctoral thesis by Edith Stein. The first specific objective of this work is to present Edith Stein and her philosophical project. The second is to analyze the essence of the acts of empathy in the human person based on the Steinian's phenomenology presented in his thesis. Finally, the last specific objective is to indicate empathy as a contribution to making peace and brotherhood among peoples being possible. In this way, this work serves as a response to the document on "*The Human Fraternity for World Peace and Living Together*", signed by Pope Francis and the Grand Imam of Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb in 2019 with a request world peace, it is concluded the empathy presented by the philosopher, victim of the war, it is a way to understand the objectives mentioned in this document.

Keywords: Phenomenology. Empathy. Edith Stein. Human Fraternity. Peace.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. VIDA E CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS	12
2.1 Edith Sarah Stein	12
2.2 Edith Stein e o pensamento fenomenológico	14
2.2.1 A objetividade do conhecimento.....	15
2.2.2 A intuição	15
2.2.3 A ideia.....	16
2.3 Edith Stein e o método fenomenológico	17
3. A EMPATIA STEINIANA	21
3.1 Corpo vivo e eu individual.....	21
3.2 Empatia como uma vivência não-originária.....	23
3.2.1 Empatia e intersubjetividade.....	24
3.3 Empatia como ato espiritual.....	27
4 A EMPATIA COMO MEIO PARA SE CHEGAR A PAZ.....	31
4.1 Documentos atuais sobre a Paz.....	32
4.1.1 Edificar a paz e o conceito de comunidade	33
4.2 Educação para a paz e empatia.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre um tema como a empatia pode parecer algo bastante irrelevante levando-se em conta que esta é uma palavra presente em diversas conversas, debates, encontros e no dia a dia de muitas pessoas. Entretanto, este trabalho não deseja repetir o que o senso comum afirma sobre a empatia, ao invés deseja por meio da fenomenologia analisar a essência dos atos da empatia para assim demonstrar a relação existente entre empatia e paz.

Para tanto, foi utilizada a contribuição da filósofa Edith Stein, mulher do final do século XIX e meados do século XX, judia convertida ao catolicismo, professora e conferencista, voluntária da Cruz vermelha na Primeira Guerra Mundial, freira carmelita e vítima da intolerância da Segunda Guerra Mundial, sendo morta nas câmaras de gás nazistas.

O que uma educadora atingida pelos tormentos de duas Grandes Guerras teria a contribuir a respeito das relações humanas? Este é propriamente o objetivo central deste trabalho, pois foram exatamente os horrores da Primeira Guerra que a incitaram a analisar a essência dos atos de empatia, isso ela realizou através da escola de filosofia da fenomenologia de Edmund Husserl, buscando a essência da pessoa humana e de seus atos empáticos.

Com sua tese doutoral a respeito desse tema e seus outros escritos a respeito da pessoa humana ela pode descobrir e defender a essência da pessoa humana, uma essência de bondade, sendo o homem um sujeito psico-espiritual, dotado de razão e consciência ele pode perceber o mundo a sua volta, mundo este que atualmente vive um cenário de guerras silenciosas e gritantes, individualismo e falta de relações humanas autênticas, e ainda mais, diante de tais percepções, o homem pode refletir sobre as mesmas e assim orientar seu modo de agir, optando por agir de forma empática.

Um agir no qual o 'eu' reconhece no outro uma pessoa humana semelhante a ele nos atos e vivências, dotada dos mesmos direitos universais, os quais estão ancorados em valores também universais, visando o bem de toda a família humana, Edith Stein entende a empatia como um ato espiritual, ligado ao campo dos valores, segundo ela, nesse mundo espiritual o ser humano realiza o exercício de dar

significado a suas vivências, ele dá sentido à própria existência e àquilo que está a sua volta.

Este trabalho também tem como objetivo específico indicar o entendimento de Edith Stein a respeito da empatia como um meio capaz de construir a paz e a fraternidade humana, sendo, pois a paz não um estado de calma, nem fruto de forças externas e sociais, mas sim do interior de cada ser humano.

O interior de cada pessoa, para Stein, é um lugar onde a essência humana de bondade está presente, por meio de um trabalho de interioridade o ser humano pode escolher ser conduzido por tal essência e assim construir pontes de diálogo e empatia com os outros que estão a sua volta, gerando assim pequenas comunidades saudáveis nas relações, buscando sempre a unidade com os demais indivíduos existentes nesse mundo e desse modo estabelecendo a paz.

Para se chegar aos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, utilizando como obra principal a tese doutoral de Edith Stein (“Sobre o problema da empatia”, 1917), o auxílio de alguns comentadores e também as declarações presentes em alguns documentos sobre os direitos humanos e a fraternidade humana.

O trabalho está dividido em três capítulos:

O primeiro aborda alguns dados sobre a vida de Edith Stein, seu encontro com a filosofia, mais especificamente com a área da fenomenologia e do que esta área se ocupa.

O segundo capítulo busca analisar questões pontuais apresentadas na obra “Sobre o problema da Empatia”, buscando esclarecer a essência dos atos da empatia e as possibilidades dessa realização.

Por fim, o terceiro capítulo ocupa-se de indicar, por meio de uma reflexão filosófica, a empatia steiniana como um meio para que a paz e a fraternidade humana, defendidas por tantos documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, sejam vistas a partir do campo dos valores e vivenciadas, assim melhorando a convivência humana e seu progresso.

2. VIDA E CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar uma breve ambiência acerca de quem é a filósofa pesquisada, Edith Stein, sua contribuição na escola da fenomenologia do século XX, também alguns conceitos relacionados ao método utilizado por tal escola e como a filósofa aplicou tal método para responder a algumas inquietações relacionadas ao ser do homem e que ajudarão a entender como o ato fenomenológico da empatia acontece através da busca pela essência do outro que está diante de um eu.

2.1 Edith Sarah Stein

Edith Stein, nasceu no fim do século XIX na cidade de Breslau na Alemanha (hoje Wrocław, na Polônia), pertencia a uma família judaica fervorosa nos compromissos da religião, assim sendo, todos os princípios em que seus pais acreditavam foram passados também a ela.

Entretanto, apesar de toda piedade e rigor da família, Edith Stein aos poucos deixa a fé judaica, pois acreditava na liberdade do ser e, por isso, não aceita a imposição da religião dos pais, assim, mesmo frequentando a sinagoga ela considera-se atea, opta por acreditar naquilo que é vivido e apreendido no mundo sensível. Em sua busca na sede por responder as suas inquietações, a jovem judia, como afirma Santana (2017), ingressa na Faculdade de Estudos Germânicos de História e Psicologia da Universidade de Breslau.

Com o passar do tempo, Stein percebe que não encontra em seus estudos uma resposta às indagações mais pertinentes sobre a verdade do homem, com isso, passa a buscar na Filosofia algumas respostas referentes a questões fundamentais do ser, sobre qual o destino da pessoa humana. (SANTANA,2017).

Vivendo essa busca, Kusano (2014) mostra que são apresentados a Stein os textos de *“Investigações Lógicas”*, de Edmund Husserl¹, pelos quais fica fascinada, encontra-se com a fenomenologia, esta nova escola filosófica que aos poucos foi

¹ Fundador da Fenomenologia, viveu entre os anos de 1859 a 1938. Foi orientador da tese “Sobre o problema da empatia” de Edith Stein. Professor de Filosofia nas universidades de Gottingen e Friburgo, tem como uma de suas principais obras a referida “Investigações lógicas” de 1900.

ganhando cada vez mais espaço e possui alguns representantes que se destacaram na história como Max Scheler².

Stein se aprofunda nesses estudos, lê as obras de Husserl e impressiona o filósofo (SANTANA, 2017). Tais fatos compreendem-se no período de 1913 a 1915, quando a Primeira Guerra Mundial começou a afligir o cenário mundial.

Edith Stein assim como alguns de seus amigos decidiu por um tempo deixar os estudos e se voluntariar na Cruz Vermelha. Como enfermeira ela passou a dedicar inteiramente seu olhar para os que estão a sua volta sofrendo com males advindos da guerra. (SANTANA, 2017). Em um de seus escritos afirma:

Eu dizia a mim mesma: agora não tenho mais vida pessoal. Toda minha força pertence ao grande acontecimento. Quando a guerra terminar, se eu estiver viva, poderei novamente pensar nos meus próprios planos. (STEIN apud SANTANA, 2017, p. 33).

Quando seus serviços não eram mais necessários na Cruz Vermelha ela retomou seus estudos, após ter vivido esse contato com a fraqueza humana, Stein decidiu por empenhar-se em sua tese de doutorado. O tema abordado por ela, a empatia, teve uma forte influência da situação vivenciada por ela mesma no período em que esteve como voluntária na guerra.

Edith Stein também colaborou nesse período como assistente do próprio Husserl, e ainda serviu-se do método por ele desenvolvido para contribuir na área da educação, escreveu vários artigos e viajou por várias partes da Europa fazendo conferências.

O contato com o Círculo de Gottingen³ a fez se abrir a novos ideais e a reconsiderar alguns pontos de seu pensamento, como o da existência de Deus:

Na sua busca do sentido da vida humana e da razão de ser do homem, o encontro com Max Scheler e com Edmund Husserl foi decisivo. Eles ajudaram-na a abrir-se para o campo dos “fenômenos”, perante os quais, tal como ela diz, já nunca lhe foi possível fechar os olhos. ‘Não foi em vão que nos inculcaram que devíamos olhar as coisas sem preconceitos, tirando antes todas as vendas dos olhos’. (SCIADINI, 2007, p.66)

² Filósofo alemão (1874 – 1928), em 1902, conheceu o fundador da fenomenologia, Edmund Husserl, através do método fenomenológico gerou muitas contribuições à filosofia dos valores.

³ Grupo formado em 1907, reunia fenomenólogos com o objetivo de discutir sobre a fenomenologia e suas possibilidades de aplicação na busca das essências, o grupo durou até a Primeira Guerra Mundial.

Tal experiência envolve Edith Stein e a leva a buscar o batismo católico em 1922, aos 31 anos, após ser batizada ela permanece em seus trabalhos até que o governo alemão a proibiu de exercer atividades públicas devido ao fato de ser judia. Assim, ela se decidiu em ingressar na vida religiosa que já desejava desde sua conversão, desse modo entrou para o Convento das Carmelitas em Colônia, tendo 42 anos de idade.

Como monja, ela recebeu autorização de seus superiores para dar continuidade a escrever suas obras filosóficas, como por exemplo, a obra “Ciência da Cruz” (GARCIA, 2006). Foi nos mosteiros carmelitas que a filósofa passou a viver de forma mais intensa toda a perseguição própria do contexto em que vivia: a perseguição nazista.

Várias formas de escapar das perseguições da Gestapo⁴ são cogitadas, porém nenhuma delas atinge sucesso e, em agosto de 1942, a filósofa e monja carmelita é levada ao campo de concentração de Wetersbork, Holanda, onde ficou por poucos dias e conseguiu escrever um último bilhete à sua comunidade, até ser encaminhada de trem à Aushchwitz, Birkenau, e no dia 09 do mesmo mês, aos 51 anos de idade foi lançada na câmara de gás onde morreu, juntamente com milhares de outros judeus, vítimas do ódio nazista. (SCIADINI, 2007).

2.2 Edith Stein e o pensamento fenomenológico

Após o primeiro contato com a obra de Husserl, intitulada “Investigações lógicas”, Edith Stein aprofundou-se na área da fenomenologia, nova escola filosófica que teve um papel fundamental na vida da pensadora, fazendo com que a própria filósofa depois também contribuísse para a expansão de estudos nessa área.

A escola abraçada pela pensadora, busca analisar o “ser-em-si” das coisas, ou seja, aquilo que se mostra ao homem. Na linguagem de Rigobello *apud* Garcia (2006, p.39) a base da fenomenologia é:

A convicção que a verdade ou, ao menos, as condições necessárias para a sua busca, não estejam nas construções do pensamento, sempre contaminadas pelo subjetivismo, mas na regressão a um estado de pura presencialidade.

⁴ Polícia secreta alemã

Esta área da filosofia, como a própria Stein apresenta no texto de 1924 *“Che Cos’è la Fenomenologia”*, possui três grandes características que a qualificam, a primeira, a objetividade do conhecimento, depois a intuição e em terceiro lugar a “ideia”.

2.2.1 A objetividade do conhecimento

Este primeiro ponto da objetividade do conhecimento afirma que fenomenologia se assemelha ao pensamento de que a verdade é algo que já está colocado e precisa ser descoberto pelo ser humano. (KUSANO, 2014).

Tal ideia parte de um realismo entendido por Husserl, em oposição a filosofia da época, assim o conhecimento é visto como um bem objetivo e não como algo preso a uma condição puramente de atos mentais.

Retornando ao pensamento platônico, aristotélico e escolástico, a fenomenologia reafirma a crença em uma verdade que é imutável, Stein escreve: “Se a natureza humana, se o organismo psíquico, se o espírito do tempo se transformam, então também as opiniões dos homens se transformam, mas a verdade não muda.” (STEIN *apud* KUSANO, 2014, p. 29).

2.2.2 A intuição

Conforme Kusano (2014) em segundo lugar, tem-se a intuição, também chamada de “visão espiritual”, a qual baseia-se no encontro das essências das coisas, um encontro que se dá quando se analisa o particular levando em consideração também o geral. No início de sua tese de doutorado, Stein apresenta que:

A fenomenologia da percepção não se conforma com descrição da percepção singular, mas quer indagar o que é ‘percepção em geral’, segundo sua essência, e obter deste conhecimento, do caso singular, a abstração ideal. (STEIN, 2004, p.20, tradução nossa).⁵

⁵ No original da obra referenciada: “La fenomenología de la percepción no se conforma con describir la percepción singular, sino que quiere indagar lo que es ‘percepción en general’, según su esencia, y obtiene este conocimiento del caso singular en abstracción ideante”(STEIN, 2004, p.20)

Desse modo, ao analisar o fenômeno “mesa”, deve-se levar em consideração a ideia já existente de mesa, assim não se faz a experiência fenomenológica de “uma mesa na singularidade”, mas sim com “a mesa”, com sua essência que é apresentada durante a experiência, logo, capta-se intuitivamente a essência de “mesa”.

A comentadora Mariana Kusano (2014, p. 38) procurando entender a intuição, chega a dizer que “o que nos é apresentado na experiência é um todo, um todo composto de partes que revela em sua individualidade um sentido ideal que é também algo de universal”.

O exemplo que segue pode ajudar ainda mais na compreensão do que vem a ser a intuição abordada por Husserl e também por Stein:

Façamos uma experiência semelhante às que Husserl propõe: alguém bate a mão sobre a mesa, identificamos logo que é um som. Todos nós identificamos esse som. Como o fazemos? Imediatamente, intuitivamente. Escutamos qualquer coisa e dizemos “é um som”. Sempre o fazemos assim, se não pudermos fazer é por algum problema, mas não havendo problema, somos capazes de intuir, isto é, colocar em perspectiva a essência, o sentido da coisa. (BELLO apud ALMEIDA, 2014)

Nisso se observa algo chamado entre os adeptos da fenomenologia de “redução eidética”⁶, que seria o movimento do revelar-se de um objeto, mostrar as essências próprias de si, sem nenhum acidente interferindo, somente a essência, a qual conduz para a intuição. (ALMEIDA, 2014).

2.2.3 A ideia

O terceiro e último conceito necessário para compreender a fenomenologia é a “ideia”, a qual consiste em centrar-se não na factualidade das coisas e sim na essencialidade das mesmas (KUSANO, 2014), no ideal existente em cada manifestação.

Busca-se, depois de intuitivamente conhecer o fenômeno manifestado, perceber a ideia daquilo que ele é, são pontos que caminham juntos, o fenômeno manifestado é aquilo de singular diante dos olhos, o qual leva imediatamente a

⁶ Do grego “*eidos*” pode significar ideia, já em latim usa-se o termo essência, seria como que “redução da ideia” ou ainda uma “redução da essência” das coisas, reduzir um objeto para se chegar a essência do mesmo.

buscar a ideia daquilo que se manifestou, aquela ideia já existente e imutável da qual falou-se anteriormente. (KUSANO, 2014)

Considerando o momento em que o objeto analisado é colocado a parte para que seja observado de forma individual, como se estivesse entre parênteses, Bello (*apud* ALMEIDA, 2014) apresenta ainda que, há também o momento em que é colocado “entre parênteses” o *Eu*, ou seja, as percepções pessoais são deixadas de lado, para que sem pré-juízos aconteça o encontro com o objeto a ser vivenciado.

O eu, assim, deve libertar-se do apego de toda vivência passada para não interferir nesse vivenciar. Isso não significa anular as experiências passadas. O meio dessa relação intersubjetiva, ou seja, relações de subjetividades, precisa ser baseado na participação livre e consciente de uma experiência única e irrepetível. Os olhos do eu ao *alter ego* devem estar livres de pré-juízos. (ALMEIDA, 2014, p.15)

Trata-se de um encontro de subjetividades, ambas reduzidas à essência para que possam juntas ser vivenciadas, para que o fenômeno se manifeste e seja compreendido, nenhuma barreira pode existir, assim o conhecimento é produzido.

A redução eidética, ou seja, atingir a ideia do objeto em sua essência, trata-se portanto de deixar de lado tudo o que venha a ser supérfluo e permanecer com aquilo que há de essencial no objeto, deixar de lado os acidentes que acompanham o objeto e centrar naquilo que permanece, o essencial.

Quando se deixa de lado o próprio “eu”, tem-se a redução transcendental, nesse segundo momento, o sujeito é aquele que permite-se “ficar entre parênteses” e abrir-se a vivência alheia. Para exemplificar melhor, com as palavras de Bello (*apud* SBERGA, 2014, p. 148), “transcendental é aquilo que faz parte da subjetividade, é próprio do sujeito, não deriva de fora, ao passo que transcendente é o que está além do sujeito”, ou seja, na redução transcendental, aquilo que faz parte da subjetividade daquele que se depara com o fenômeno é deixada de lado, para que a outra subjetividade possa ser vista sem os pré-conceitos que teria.

2.3 Edith Stein e o método fenomenológico

Como descrito anteriormente, Stein buscava respostas a questões pertinentes a existência do ser, tais respostas foram encontradas na escola filosófica fundada

por Husserl, cujo método já foi abordado anteriormente, vê-se a partir disso a necessidade de apontar como o pensamento da filósofa foi clarificado.

Segundo Sberga (2014), o pensamento steiniano se baseou na fenomenologia como método essencial para compreender o caminho do homem, o caminho de sua construção formativa. A própria Stein afirma:

Se queremos saber como é o ser humano, devemos nos colocar no modo mais vivo possível, na situação na qual fazemos experiência do seu ser aqui, quer dizer, daquilo que experimentamos em nós mesmos e daquilo que experimentamos no encontro com os outros. Isso parece soar como empirismo, mas não o é, se com o termo “empíria” se entende só a percepção e a experiência de coisas particulares. O segundo princípio recita: endereçar o olhar *ao essencial*. A intuição não é só a percepção sensível de uma certa coisa singular como essa é aqui e agora; há uma intuição daquilo que essa é segundo a sua essência e isso pode, por sua vez, significar o que essa é segundo o seu *próprio ser*, é o que essa é segundo a sua *essência universal*. (STEIN apud SBERGA, 2014, p. 146)

Para colaborar na formação de outro homem é necessário colocar-se “entre parênteses”, ou seja, deixar de lado qualquer conceito pré-formado, deixar-se vivenciar com o outro e assim descobrir qual a essência desse outro que se revela a mim, essência que “não se capta com os sentidos, mas através dos sentidos”. (SBERGA, 2014).

Assim, compreende-se que diante de si está um homem, vê-se com os olhos sensíveis um homem, porém não só com os olhos sensíveis, também por meio de uma visão espiritual, a intuição, pode-se concluir que, de fato, o fenômeno que se manifesta diante dos olhos é um homem (SBERGA, 2014), percepção e reflexão, dois aspectos que caminham juntos nessa construção do conhecimento.

Perceber é como que a “porta ao sentido vivencial alheio com o fim de vivenciar uma percepção espiritual”, nas palavras de Almeida (2014, p. 12), é através desse ato que existe a possibilidade de chegar as essências. Trata-se de um ‘tomar consciência’ daquilo que se está vivendo em determinado momento.

A pensadora descreve: “Posso duvidar se essa coisa que vejo diante de mim existe, pois subsiste a possibilidade de engano [...], porém o que não posso excluir, o que está submetido a nenhuma dúvida, é a minha vivência das coisas.”⁷ (STEIN, 2004, p. 20, tradução nossa).

⁷“Puedo dudar si esa cosa que veo ante mí existe, pues subsiste la posibilidad de engano: [...], pero lo que no puedo excluir, lo que está sometido a ninguna duda, es mi vivencia de las cosas.”

Se não existem dúvidas referentes à percepção, há então como se chegar ao estágio reflexivo, tomada a consciência, por meio dos sentidos, de que algo está ante o sujeito, este sujeito passa ao segundo ato das vivências, o ato da reflexão, do qual somente o ser humano é capaz, nas palavras de Sberga (2014, p. 148): “o ser humano é o único capaz de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de reflexão e conhecimento sobre si mesmo.”

O homem assim é capaz de refletir sobre suas ações, ainda que mais involuntárias e geradas por impulsos, se ele percebe o impulso ele pode pensar sobre o impulso vivido. Um exemplo simples de Almeida(2014) irá clarificar o que vem a ser a reflexão:

Porque temos sede. Que tipo de ato é a sede? É um impulso. Nós sentimos alguma coisa interiormente, que nos impulsiona a pegar o copo e a beber [...]. Pode ser que alguém próximo do mesmo copo d'água tenha o mesmo impulso de beber, mas não chega a pegar o copo sobre a mesa. Por quê? Existe um controle semelhante ao ato da reflexão (É justo não poder pegar). Podemos dizer que existe uma regra social ligada a um controle, trata-se de um ato que não é o do ver ou o de tocar, nem o do impulso que mais se assemelha ao ato de refletir.

Refletir consiste em um grau mais elevado de consciência em que o indivíduo não apenas está ciente do fato de que vê ou toca algo, além disso, também toma consciência da motivação pela qual vê ou toca algo, como também do modo como vê e toca algo.

Desse modo, Sberga (2014, p. 151) ao falar sobre o ato da reflexão em Edith Stein e na fenomenologia de modo geral, aponta que nesse segundo nível de consciência “o ser humano se dá conta de que está agindo e de que modo está agindo. Essa capacidade de registrar os atos, de perceber a si mesmo, é que lhe permite ter consciência ou ter uma vivência consciente”.

O indivíduo consciente de si é capaz de se formar, é capaz de ao conhecer a própria estrutura, dar respostas diferentes as suas ações mais frequentes e assim optar por aquilo que lhe parece melhor e não meramente de forma impulsiva, ele pode escolher a forma como proceder, escolher a forma como olhar e se colocar diante dos outros que o circundam.

Com esses aspectos da fenomenologia, a pensadora judia encontra sentido no modo como os homens vivem, e encontra ainda uma forma de se relacionar melhor com esse homem, compreendendo a própria estrutura também é possível

entender melhor a estrutura, a subjetividade do outro. Zilles (2017, p. 379) escreve a respeito desse aspecto que Stein defende:

Segundo Edith Stein, querer estudar o indivíduo humano isolado seria uma abstração, pois ele vive no mundo como ser social. Viver em comum inere à própria condição humana. A pessoa forma-se no encontro e convívio com outras pessoas. A estrutura da pessoa humana individual é codeterminada pelo contexto sociocultural sob diferentes aspectos: Comunidade, Sociedade e Estado.

É necessário entender que para Edith Stein, o homem é uma pessoa espiritual, diferente dos outros animais, como apresenta o comentador Zilles (2017), o ser humano é dotado de corpo (ligado ao ‘ato de perceber’ tratado anteriormente), e também de atos psíquicos e espirituais, os quais caminham juntos e são os responsáveis pela sensibilidade e espiritualidade no indivíduo.

Por meio da fenomenologia, Stein apresenta a unidade do homem (corpo, psique e espírito), como a caixa onde a essência individual de cada homem está guardada, por meio desses três pontos o homem manifesta a sua singularidade:

Segundo a perspectiva fenomenológica, Edith Stein responde à pergunta sobre o que torna uma pessoa humana aquilo que ela é, dizendo que não é a matéria que indivíduo ou produz os indivíduos, pois a matéria é comum a todos, mas é uma forma individual do ente, o modo individual de realizar a forma da espécie humana. A forma individual carece da universalidade. [...] Uma determinada laranjeira tem a essência universal de ser esta laranjeira determinada e, ao mesmo tempo, tem a essência universal de ser laranjeira e, mais universalmente, de ser árvore. (ZILLES, 2017, p. 381).

A individualidade é o ponto de partida, o conhecer a própria estrutura é o início para se chegar àquilo que é universal, aqui está a importância da fenomenologia para que Edith Stein encontrasse respostas às suas inquietações, por meio dessa escola de pensamento ela pode encontrar o sentido da vida humana e da razão de ser do homem. (SCIADINI, 2017).

A singularidade da pessoa humana, o ser pessoa e os atos de perceber e refletir são de grande importância para se compreender a visão de Edith Stein acerca da “empatia”, que será abordada em profundidade no próximo capítulo, a qual é trabalhada pela filósofa também através do método fenomenológico.

3. A EMPATIA STEINIANA

Edith Stein, após vivenciar o período da Primeira Guerra Mundial servindo como voluntária nas enfermarias da Cruz Vermelha, buscou em sua tese doutoral explorar o conceito de ‘empatia’, na obra intitulada “Sobre o problema da empatia”⁸, de 1917, a pensadora discorre longas páginas procurando estabelecer o que vem a ser tal ato fenomenológico. Deixando de lado as teorias psicologistas e também filosóficas já existentes ela buscou explorar a essência dos atos da empatia. O seguinte capítulo visa evidenciar tais proposições da pensadora e sua obra “Sobre o problema da empatia”.

3.1 Corpo vivo e eu individual

Em vista de esclarecer melhor o tema da empatia, faz-se necessário conhecer a concepção que Edith Stein possuía a respeito do eu da pessoa humana, o homem é um corpo vivo dotado de uma alma, a alma só existe em um corpo, ela é inseparável dele, assim não se trata somente de um corpo físico e sim um corpo psicofísico, pois traz em si uma alma. Nesse sentido, Nunes colabora dizendo que:

O eu é constituído numa unidade de corpo e alma; as sensações e os sentimentos pertencem ao mesmo tempo ao corpo e à alma. De facto, o processo pelo qual o eu apreende as vivências, é um processo que inclui o físico e o psíquico, existindo uma interdependência entre eles. (2019, p. 112).

Tendo em consideração que a alma é considerada a unidade substancial do ser, ela é responsável pela consciência do indivíduo, por meio dela o ato da reflexão das vivências é possível e também por meio dela a subjetividade de cada indivíduo é mantida (NUNES, 2019), pois cada um que se apresenta para a relação possui suas próprias vivências, sua própria visão de mundo, cabe àquele que empatiza ser sensível (ação característica da alma) à vida do outro, não são as experiências pessoais que importam mas aquelas que o outro manifesta.

Por meio deste corpo vivo o indivíduo se manifesta, por meio da sua corporeidade ele expressa aquilo que sua alma, sua consciência sente, ela – a alma

⁸ No original do alemão: “*Zum problem der Einfühlung*”.

– e seu corpo são uma só coisa. Stein coloca em seus escritos que “o corpo vivo está por natureza constituído de sensações, as sensações são componentes reais da consciência e como tais pertencem ao eu.” (STEIN *apud* NUNES, 2019, p.112). Pelo corpo, a alma se apresenta ao mundo, assim estando ela triste pode manifestar pelo corpo essa tristeza, é uma tristeza que também o corpo sente, pois são um só. (BAREA, 2015).

Manifestando essa tristeza, ela se torna objeto de percepção de outro, o eu que percebe algo de novo no espaço, o eu que se depara com as vivências alheias é um eu que amadurece, à medida que a percepção humana apreende com o aquilo que é oferecido pelo outro ela se expande, “a cada passo à frente se revela um novo pedaço do mundo, ou aquele velho me mostra um pedaço novo.” (STEIN *apud* BAREA, 2015, p. 51).

Nosso corpo está intimamente ligado ao espaço ao redor do ser, nesse espaço, com as outras pessoas que fazem parte dele, o homem encontra sentido de existir, não há como se privar disso, o homem é para a relação, é para o encontro com o outro, é de certa forma dependente daqueles que estão a sua volta para que a sua manifestação no mundo seja apreendida por alguém.

Na filosofia de Edith Stein, o homem é o ponto de referência espacial, ou seja, ele é o ponto de partida para as experiências alheias, sendo assim é preciso que esse homem saia de si, se coloque “entre parênteses” e tome como ponto de referência aquele outro que está diante dele, assim pontua Stein:

O corpo do indivíduo, como mero corpo físico, é uma coisa espacial como outras e está dado em um lugar determinado no espaço, a uma determinada distância de mim, centro da orientação espacial, e em determinadas relações espaciais com o mundo espacial restante [...] me transfiro ao empatizado, obtenho uma nova imagem do mundo espacial e um novo ponto zero de orientação. (STEIN *apud* NUNES, 2010, p. 5).

Tendo um novo ponto zero de orientação, a realidade é percebida de uma forma diferente. Ao empatizar com alguém que sente dor, a experiência a ser apreendida é própria de alguém que sente dor, o mundo não é sentido da mesma maneira que seria se o ‘eu’ empatizasse com alguém que acaba de reencontrar um amigo muito amado, são espaços diferentes, os quais irão gerar percepções e posicionamentos distintos.

Percebendo a unidade entre corpo vivo e o eu pessoal de cada indivíduo se pode avançar na compreensão do pensamento steiniano acerca da empatia, e é preciso ter diante dos olhos as vivências e a distinção existente entre elas.

3.2 Empatia como uma vivência não-originária

A pensadora judia explorou em sua tese doutoral a questão das vivências, para ela a empatia consiste em encontrar-se com as experiências de outros (ALMEIDA, 2014), trata-se de um encontro com as vivências originárias de outros, nos termos dela mesma, tais vivências consistem no fato de que: “originária são todas as vivências próprias presentes como tais – que poderia ser mais originário senão a vivência mesma?”⁹. (STEIN, 2004, p. 84, tradução nossa).

Desse modo, são originárias as vivências enquanto pertencem a si mesmas, ou melhor, pertencem àquele indivíduo que as experimenta em si, como exemplo é possível usar qualquer sentimento, estes sentimentos pertencem a alguém próprio, o sentimento em si não possui vida própria, mas possui vida naquele que está o sentindo no aqui e agora. (ALMEIDA, 2014).

Entretanto, a empatia não está relacionada a esse experienciar a si próprio, mas em outra direção, está em experienciar o outro, assim segundo o comentador Almeida (2014), diante de um sentimento, o processo feito não é o da vivência originária, mas sim com o conteúdo dessa vivência, e este conteúdo não é originário, é como uma “bagagem” adquirida.

Trata-se de um ato que é originário enquanto vivenciado no presente, ao passo que é não-originário pelo seu conteúdo. E tal conteúdo é uma vivência, que como tal, pode ser implementada de múltiplos modos, como ocorre na forma da recordação, da esperança, da fantasia. (STEIN apud BAREA, 2015, p. 65, tradução nossa).

Mais à frente em sua tese a filósofa prossegue, dando um exemplo claro acerca dessa relação, ao falar sobre os sentimentos e a experiência originária, ela afirma:

A recordação de uma alegria é originária enquanto ato de presentificação que se cumpre neste momento, enquanto o conteúdo da recordação, a alegria, é não originário, a recordação possui todas as características da

⁹ Originarias son todas las vivencias propias presentes como tales – qué podría ser más originário sino la vivencia misma?

alegria tanto que eu posso analisá-la como se fosse a alegria mesmo; esta última, porém é não originária. (STEIN, 2004, p. 24, tradução nossa).¹⁰

Mesmo com o “eu do indivíduo” não estando em relação a uma experiência originária, ele pode sentir os “efeitos” dessa experiência, essa situação conduz o eu a refletir sobre aquilo que está diante dos olhos, se é a alegria de outro, o eu pode, percebendo-a, refletir sobre a mesma, pode sentir um efeito da mesma sobre a sua vida. (ALMEIDA, 2014).

Enquanto vivo aquela alegria do outro não sinto nenhuma alegria originária; ela não brota do “meu eu”, nem sequer tem carácter de ter-estado-viva-antes como alegria recordada. Porém, nem sequer é uma fantasia sem vida real, mas é o outro sujeito que tem originalidade; a alegria que brota dele é alegria originária mesmo que eu não a vivencie como originária. No meu vivenciar não-originário sinto-me, de certo modo, conduzido por um originário que não é vivenciado por mim e que se anuncia em mim, manifestando-se na minha experiência vivida não-originária. Deste modo, na empatia, temos um tipo de atos experienciais *sui generis*. (STEIN, *apud* NUNES, 2019).

Assim sendo, a empatia é um ato fenomenológico conduzido por vivências não-originárias, nas quais um ‘eu’ se depara com as experiências de um outro ‘eu’, as vivências originárias desse outro ‘eu’ são não originárias a mim, isto não impede o perceber e o empatizar, pelo contrário, torna-se necessário para que a experiência da empatia aconteça. A esse deparar-se com o alheio e reconhecê-lo como semelhante a mim, Edith Stein chama de *sui generis*, pois se trata de algo peculiar, singular, algo que não se assemelha a nenhum outro ato.

3.2.1 Empatia e intersubjetividade

A empatia é uma experiência intersubjetiva, na qual a subjetividade de outro, aquilo que é próprio de outro chega até um eu, chega a um terceiro, a uma outra subjetividade. Atravessando os limites da superficialidade se pode chegar a essência daquilo que o outro está vivendo.

O método fenomenológico apresentado no capítulo anterior e seguido pela filósofa judia, mostra esse processo em que a visão intuitiva leva o ‘eu’ a buscar o *eidos* do que o outro sente, e o ‘eu’ sente que o outro está sentindo algo, Kusano (2014, p. 92) colabora nesse aspecto dizendo que: “numa situação como essa, eu

¹⁰ El recuerdo de una alegría es originario en cuanto acto de la presentificación que ahora se cumple, pero su contenido – la alegría- es no-originario; tiene todo el carácter de la alegría, de manera que yo podría estudiarlo en su lugar, pero ella no existe.

não tenho os sentimentos em primeira pessoa, eles não são primordiais, mas o que comparece de primordial para mim é o fato de sentir que a pessoa os está vivendo”, esse sentir que o outro vive algo é sentir a essência do outro, mesmo não sentindo o que essa outra pessoa sente.

Dessa forma o empatizar se mostra como algo próprio das relações intersubjetivas, o homem não vive só, a pessoa da qual Edith Stein fala é um ser aberto às relações, um ser que pode “romper os limites de sua individualidade” (STEIN *apud* RUS, 2017, p.124) e assim se encontrar com o outro.

A pessoa humana vive e se manifesta no mundo por meio das relações intersubjetivas, são elas que possibilitam a vida, o homem fala, mas fala a outros, o homem sente, mas sente em relação a outros, nunca está sozinho no mundo, mas faz parte de uma comunidade, a comunidade humana, da qual se falará no próximo capítulo de forma mais profunda. (RUS, 2017).

Assim, as particularidades dos indivíduos formam o modo de ser de uma comunidade, pois em uma comunidade há várias manifestações de seres, de pessoas diferentes, que se permitem revelar, que permitem que o outro saiba que elas sentem algo, que o outro empatize com elas, todo ser humano é capaz de viver a empatia, pois são capazes de se relacionar.

Cada indivíduo com seus próprios conceitos, com seu modo de pensar e sentir ao se deparar com a manifestação da subjetividade de outro promove que se forme uma comunidade, a qual é formada da “conversa” de uma subjetividade com outra.

Quando vejo um outro eu perante mim, o reconheço subitamente como um ser vivente com uma estrutura igual a minha, mas, evidentemente, com suas vivências subjetivas próprias que, por meio do ato “notar”, capto seu conteúdo vivencial numa adesão *hic et nunc* (aqui e agora) do vivido alheio, assim, “[...] a expressão procede da vivência e se ajusta ao material expressado”. (ALMEIDA, 2014, p. 24).

Com o desenvolver das relações intersubjetivas, o ser pode aprimorar seus atos de empatia, pois se a mesma se dá por meio do encontro com o alheio, assim quanto mais se encontra com o alheio, mais é capaz de perceber a essência deste, há um aprimoramento.

Para que esse encontro “empático” aconteça é necessário a abertura de todos os envolvidos, numa relação entre semelhantes, de um eu (ego) com outro eu

(*alter ego*), “O homem é antropológicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana.” (BUBER *apud* SILVA, 2014, p. 152). Também para Stein a empatia trata-se de uma relação ‘entre homem e homem’.

Eu posso encontrar uma pessoa e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identifico como alguém semelhante a mim. Assim, enquanto eu o vejo, tenho, ao mesmo tempo, percepção e entropatia, ou seja, percepção e apreensão de que é um ser humano. Porém, o que me acontece no nível psíquico? Existe uma reação de atração e repulsão, a simpatia ou a antipatia. É verdade que sempre ativamos a antipatia ou a simpatia, porém, o primeiro movimento não é nem de antipatia e nem de simpatia, mas é de captar que se trata de um ser humano. (BELLO *apud* ALMEIDA, 2014, p. 26).

A abertura entre os dois ‘eus’ que se permitem empatizar, um ‘eu’ e um *alter ego*, um outro ‘eu’, mesmo sendo outro, este não deixa de ser um ‘eu’. O pensamento de Stein e de Buber¹¹ possuem essa semelhança, ao falarem ambos das relações. Almeida (2014, p. 24) diz que, “o ego reconhece o outrem como um *alter ego* nas suas vivências. Este ato é do dar-se conta da consciência alheia. Relações intersubjetivas que comportam o conhecimento universal da experiência alheia.”

Não se trata de uma relação entre sujeito e objeto, mas sim entre sujeitos, entre subjetividades, para que isso aconteça é necessária uma percepção interna, a externa se relaciona as expressões que o outro permite que sejam vistas, por exemplo um semblante triste, um sorriso ou o choro, já na percepção interna o que se nota é a dor que está por trás do choro, ou a alegria que se mostra pelo sorriso, somente perceber esses atos interiores não significa ser empático.

Com a percepção interna um ‘eu’ nota os atos internos vividos por outro, “o outro *eu* que vejo diante de mim e a apreensão da dor me fazem experienciar a consciência alheia numa percepção interna.” (ALMEIDA, 2014, p. 22), a empatia dá um passo a mais, ela consiste em uma “coparticipação” na experiência do *alter ego* não na mera percepção.

Para Stein os seres humanos na relação de entendimento não são apenas mônodas separadas, será preciso considerar o outro, em sua plenitude: “O outro se revela como outro de meu eu, no momento pelo qual me vem dado

¹¹ Martin Buber (1878 – 1965), filósofo austríaco o qual se tornou conhecido por abordar o diálogo em seus escritos, sobretudo pela sua elaboração na obra “Eu e Tu”, publicada em 1923.

em um modo diferente do <eu>”. Esse outro tem uma vida que é diferente da minha, tem seus valores, sua história, carrega todas as suas vivências, de tal forma que não posso objetivá-lo a partir das vivências. A cada momento em nossas vidas somos impulsionados pela nossa corporeidade em relações intersubjetivas para diante do outro, em um mostrar-se originário aqui e agora, assim como o Outro se apresenta diante de mim, considerando o tempo fenomenológico que não se dilui em um passado ou em um futuro, mas sim em um dar-se no fluir das vivências. (GRZIBOWSKI, 2015, p. 37).

Solitariamente, o ser humano não é capaz de se desenvolver e assim é quase que incapaz de viver, nesse caso, ser um ser solitário não significa unicamente estar sozinho, mas ser um ser que vive apenas em si mesmo, sem se permitir tocar por outras vivências que lhe são alheias, pode até estar cercado por outras pessoas, entretanto vive com elas relações de superficialidade, não permitindo que elas acessem seu interior.

Como exemplo, se pode perceber as relações virtuais, onde uma pessoa pode ter centenas de conversas com outras pessoas em um mesmo dia, entretanto, o indivíduo em nenhuma dessas conversas permite que sua essência seja acessada pelos outros. De modo inverso, há a situação vivenciada pela pandemia do COVID-19¹², quando o isolamento social foi necessário para reduzir os níveis de contaminação, assim foi preciso se manter nas casas, muitas pessoas se obrigaram a permitir que o outro as acessasse por conta da vivência contínua com as mesmas pessoas fechadas nas casas.

É se deparando com as vivências alheias que o homem pode enxergar suas próprias realidades, percebe que não está só na existência, mas pode contar com a presença de semelhantes, capazes de colaborar em seu desenvolvimento. A família humana se caracteriza pelas relações não instintivas mas de solidariedade, de reconhecimento do outro semelhante, da outra subjetividade que também compartilha sua existência, suas dores e afetos.

3.3 Empatia como ato espiritual

No pensamento steiniano o “ser pessoa” ocupa um lugar importante, ser pessoa significa estar em uma relação inseparável entre corpo, alma e espírito. Ser dotado de um corpo, por meio do qual o sujeito se manifesta no mundo e nele

¹² Pandemia mundial que assola o ano de 2020, advinda do coronavírus e que exigiu o isolamento social em quase todo o mundo como uma medida de prevenção a contaminação.

experiência as sensações de tudo aquilo que se coloca diante dele; assim toma consciência das mesmas e também toma consciência de si mesmo. (Kusano, 2017).

O ser humano ainda é possuidor de uma alma (psique), como falado anteriormente, esta possui a capacidade de perceber e compreender sobre o que está fora do sujeito sem que perca aquilo que é próprio dela, explanando sobre os escritos de Stein, Kusano (2017, p. 75) colabora dizendo que a alma possui certa dimensão de “espacialidade, como o lugar onde radicam-se as propriedades psíquicas que são, por exemplo, a agudeza dos sentidos, a energia aparente numa conduta, a intensidade dos sentimentos e daí por diante.”

O pensamento steiniano é bastante claro quando a pensadora defende em seus escritos que a alma é a unidade responsável pela comunicação entre o interior humano e o externo, ela perpassa a espiritualidade e a sensibilidade humana, sendo uma com todo do ser pessoa. (SBERGA, 2014).

Ter alma quer dizer possuir um centro interior, no qual se percebe o entrechoque de tudo o que vem de fora, e do qual procede tudo que se manifesta na conduta do corpo como proveniente de dentro. Trata-se de um ponto de intercâmbio, no qual impactam os estímulos e do qual saem respostas. (STEIN apud KUSANO, 2017, p. 82).

A essência da alma, também chamada de “núcleo” ou “eu” é responsável pelo seu bom desenvolvimento, ela é imutável, mesmo com interferências externas, ela carrega a singularidade da pessoa humana, sua pureza. Há momentos em que a alma se relaciona consigo mesma, buscando se conhecer, esse momento “a sós” é necessário para que a alma se encontre com sua essência de pureza e bondade. (KUSANO, 2017).

Após esse momento, a alma (o “eu”) pode se decidir pelo que encontrou em si, e dessa forma trazer para o exterior, para o mundo sensível aquelas qualidades que possui e que podem ajudá-la a viver de forma empatizante, de forma mais humana. Entretanto como colabora Sberga (2014, p.368):

Chegar ao centro da alma não é um método simples nem automático; é um processo que se conquista gradualmente com a autoformação e a formação. [...] O processo formativo deve conduzir a pessoa ao centro da sua alma, porque somente aí o eu pessoal age livremente e é plenamente consciente de seus atos. [...] Se a pessoa vive na superfície de si mesma e não atinge os extratos profundos de sua alma, ou não busca os meios para isso, não poderá desabrochar as qualidades ou potências da alma.

Chegar a esse centro da alma humana, é um processo pessoal e que exige do próprio indivíduo somente, pois ele é o único capaz de acessar seu interior, há métodos que podem colaborar, porém a experiência de tocar o próprio 'eu' é individual, pessoal.

A alma é dotada desse "eu", do espírito¹³, daquilo que não está ligado a sensibilidade, o espírito está em oposição aquilo que é sensível, está ligado ao intelecto humano, a sua consciência. O espírito envolve o corpo e a alma e traz sentido aos atos humanos, ele é o responsável por imprimir valores ao homem, trazer a 'consciência dos atos', como pontuado na citação anterior, a consciência do porquê/do sentido de certos sentimentos e expressões humanas.

A comentadora Kusano (2017, p.89) coloca que os valores não são seres ou entes, "não são sujeitos, mas objetos para sujeitos e sua presença em toda a natureza ou mesmo nas coisas particulares como as cores, os sons e as formas revelam um sentido ao homem."

Dentro do campo espiritual, do campo dos valores, a pessoa pode caminhar livremente, pois nenhum valor é imposto, mas livremente assumido, além de que ele possibilita que um indivíduo ao caminhar dentro de si perceba que ao redor dele há outros seres, outras pessoas, Stein coloca em seus escritos que:

Quando olho um homem nos olhos, seu olhar me responde. Deixa-me penetrar em seu interior, ou bem me rejeita. É senhor de sua alma, e pode abrir e fechar suas portas. Pode sair de si mesmo e entrar nas coisas. Quando dois homens se olham, estão frente a frente um eu e outro eu. Pode-se tratar de um encontro na porta ou de um encontro no interior, o outro eu é um tu. O olhar do homem fala. Um *eu dono de si mesmo* e consciente que me olha daqueles olhos. (STEIN *apud* ALMEIDA, 2014, p. 39).

Olhar nos olhos, só possui sentido por se tratar de dois humanos, de duas pessoas, um animal irracional, ao olhar nos olhos de um humano não possui a capacidade de atribuir nenhum sentido ao que vê, já o homem pode com sua consciência dar valor, sentido ao que percebe. (ALMEIDA, 2014).

Na obra "La estructura de la persona humana" Stein cita um exemplo sobre o olhar para um animal que também nos olha, entretanto, ela afirma se tratar de "uma alma muda e prisioneira em si mesma, incapaz de ir detrás de si e de captar-se a si

¹³ Segundo Kusano (2017, p. 86) em grego *hálito*, o espírito é caracterizado por três aspectos que o permitem "mover-se livre e soprar para onde quiser sem que abandone o lugar onde encontra-se corporalmente."

mesma, incapaz de sair de si e aproximar-se de mim.” (STEIN *apud* ALMEIDA, 2014, p. 38).

A empatia é um ato livre, um ato do espírito humano, uma vivência espiritual, pois as coisas “nada sabem de si mesmas e carecem de liberdade para determinar seu ser e sua ação” (STEIN *apud* KUSANO, 2017, p.89), a alma humana sabe de si mesma, ela percorre o espaço existente em si mesma e ali descobre quem verdadeiramente é, descobre sua essência, seu valor, ato que nenhum animal irracional consegue alcançar.

3.4 Possibilidades de realização da empatia

Percebendo os pontos já colocados a respeito daquilo que faz parte da empatia, é possível avançar na exploração da tese da pensadora e considerar de forma mais prática como os atos empáticos se dão a conhecer, as formas como também eles se manifestam no mundo sensível.

O principal meio desses atos se manifestarem é por meio da linguagem (BAREA, 2015), através dela os indivíduos permitem serem conhecidos, permitem que aquilo que está somente em seu interior seja expresso para aqueles que estão no exterior, é a intersubjetividade, o sujeito permite se comunicar com o outro.

E ainda mais, não só permite se comunicar mas também se permite conhecer intimamente por outro, “através do meio da linguagem eu posso estar procurando um saber de todos os objetos que eu mesmo não posso ver, também da vida íntima do outro e de seus correlatos não visíveis”. (STEIN *apud* BAREA, 2015, p. 80).

Quando uma pessoa fala de si, ela confere sentido de valor ao que está vivenciando em seu interior, Edith Stein coloca como exemplo “um amigo vem até mim e me conta que perdeu seu irmão, e eu noto sua dor” (STEIN, 2004, p.22, tradução nossa)¹⁴, as expressões corporais (tom de voz) e também o conteúdo da fala permitem que quem está do lado de fora compreenda a dor sentida, perceba e reflita sobre a dor sentida.

Além da linguagem, segundo Barea (2015) também o caráter da pessoa, a personalidade, permite conhecer seu interior, são características pessoais que

¹⁴ Un amigo viene hacia mí y me cuenta que ha perdido a su hermano, y yo noto su dolor.

marcam um indivíduo e posteriormente possibilitam o empatizar, como no exemplo que segue:

Por exemplo, conheço uma pessoa e sei que ela é “impulsiva”, especialmente quando se trata de um assunto que envolve uma relação familiar, e no decorrer do dia, acompanho-a em uma caminhada e nesta, encontramos alguém que agiu de má fé com um de seus entes queridos em tempos remotos. Nessa situação, mesmo sem saber do que se trata (antes que ela me fale ou que me contextualize), percebo o seu desconforto e sua insatisfação no encontro, devido ao traço característico dela que é o da “impulsividade”, que em sua essência pode dar lugar à ira, à angústia, ao desabafo, à aceleração da caminhada, etc. (BAREA, 2015, p.81).

Agir empaticamente nos dois exemplos citados significa que aquele que está do lado de fora, após ter acesso às vivências originárias, reconhece o que é a dor ou a raiva, pois ele também já experimentou em si vivências semelhantes, assim as entende, porém nesse momento se permite ver o mundo a partir de outro ponto de vista, a partir de outro ponto de referência, o outro. (BAREA, 2015).

Empatia é, uma forma de estar com o outro e também de conhecimento, conhecimento de vivências alheias e autoconhecimento, pois olhando o outro é possível conhecer áreas que antes desconhecíamos no próprio interior, assim a pensadora pontua em sua tese: “Sendo a experiência do valor o fundamento do próprio valor, com os novos valores obtidos na empatia, o olhar abre-se simultaneamente para os valores desconhecidos na própria pessoa.”¹⁵ (STEIN, 2004, p.134, tradução nossa).

Vivendo relações empáticas o homem reconhece no outro um ser que é pessoa como ele, com a mesma essência humana e assim pode dialogar com este, deixando sua vida solitária e egocêntrica para construir pontes que colaborem na promoção de uma nova cultura a ser buscada nas comunidades humanas, uma cultura que respeita a cada indivíduo em sua subjetividade e que promove o outro e seu desenvolvimento, uma cultura de unidade humana e paz, da qual se tratará no próximo capítulo.

4 A EMPATIA COMO MEIO PARA SE CHEGAR A PAZ

¹⁵ Puesto que la vivencia del valor es fundante de la valía propia, con los nuevos valores obtenidos en empatía se abre simultáneamente la mirada a valores desconocidos en la persona propia.

A partir de toda a construção feita no capítulo anterior a respeito da empatia steiniana, este capítulo irá trabalhar o modo como a paz pode ser alcançada através da empatia. Após um século marcado por duas Grandes Guerras, inúmeros conflitos armados em todo o mundo, o desenvolvimento das armas químicas crescendo, e o surgimento de inúmeras ideologias, a humanidade se individualizou deixando a parte alguns valores universais como a fraternidade humana, desse modo se analisará a relação existente entre a empatia e a paz.

4.1 Documentos atuais sobre a Paz

Ao longo de toda a história mundial, diante dos conflitos e atos de violência e desrespeito a vida, se manifestaram pessoas denunciando tais fenômenos, de forma especial, com o crescimento dos atos de violência mundial no último século houve um apelo por parte de inúmeras pessoas em favor da paz.

No último ano de 2019, foi assinado por parte dos chefes de duas grandes religiões, o Papa Francisco e o Grão Imame de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyebum (chefe muçulmano do Marrocos), o documento intitulado “*Sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*”, o qual buscou reafirmar a necessidade da busca pelos valores positivos de alteridade diante de um mundo que continua a viver em diversas formas de guerras e desrespeito da pessoa humana.

O documento afirma que o reconhecimento do outro como pessoa humana é fator importante para que a sociedade atual possa evitar que novas guerras aconteçam e que também as já existentes e que por vezes permanecem ocultas, sejam eliminadas, o documento pontua que:

O diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas econômicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do gênero humano. (FRANCISCO, AHMAD, 2019, p. 5)

Entretanto já há alguns anos antes, em 1948, foi assinada, em nível mundial por mais de 190 países, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a qual em seu primeiro artigo afirma: “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns com os outros com espírito de fraternidade.” (ONU, 1948, p. 4).

Ambas as Declarações expressam de certa forma o pensamento de Edith Stein, visto no capítulo anterior, a pessoa humana é dotada de razão (psique) e de consciência, e da mesma maneira, coloca como dever humano, o agir de forma fraterna, para a filósofa judia, agir de forma empática, olhando o mundo a partir do olhar daquele que está próximo, ela mesma afirmou que “o próximo não é aquele que eu amo, mas todo ser que passa perto de mim.” (ALMEIDA, 2014, p.4).

Trata-se da criação do diálogo, o qual só é possível quando há disposição para se colocar diante de um outro, o qual por vezes possui um pensamento diverso, entretanto a sua dignidade não é diversa, mas semelhante, pois toda pessoa humana é pessoa espiritual, dotada de valores próprios e de dignidade por sua essência ser uma essência boa, como visto anteriormente no segundo capítulo.

Além dos documentos já citados, muitas outras vozes se levantaram em todo o mundo com um pedido de paz, nomes como Mahatma Gandhi (ativista morto no ano de 1948), também Madre Teresa de Calcutá (ganhadora do prêmio Nobel da Paz em 1979) e tantos outros levantaram suas vozes pedindo pela paz, a qual não é entendida somente como uma tranquilidade mundial, mas sim de outra forma.

A paz não é a ausência de guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas ou resulta duma dominação despótica. Com toda exatidão e propriedade ela é chamada “obra da justiça”. [...] Por esta razão, a paz nunca se alcança duma vez para sempre, antes deve estar constantemente a ser edificada. [...] absolutamente necessárias para a edificação da paz são a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros homens e povos e a prática assídua da fraternidade. (GAUDIUM ET SPES, 2005, p. 111).

Uma paz mundial depende da qualidade das relações intersubjetivas do homem e sem elas não é possível, a apatia, o individualismo, o fechamento do homem em seus próprios ideais impede o crescimento e desenvolvimento da família humana¹⁶, fecham o indivíduo em si mesmo e o impedem de visualizar o que há em seu redor, em contrapartida, as relações empáticas promovem o crescimento pessoal e também da sociedade.

4.1.1 Edificar a paz e o conceito de comunidade

¹⁶ Termo utilizado na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

É mister construir a paz, através da busca pelos valores universais, assim também exclamou Chiara Lubich¹⁷, mulher que assim como Edith Stein passou pelos horrores da guerra, porém sobreviveu, se dedicou não em lutar contra as guerras mas empenhou toda a sua vida em promover o ideal de unidade e paz, em seu caminho por entre as diversas partes do mundo discursando sobre o tema, afirmou em 1985 em um de seus discursos:

A paz é um efeito da unidade. Quando existe a unidade entre nós e Deus está presente, se sente a paz interior. Quando existe a unidade entre os irmãos, existe a paz entre os irmãos. Quando existe a paz entre os povos, a paz existe no mundo. (LUBICH, 1985, Aos 300 dirigentes dos jovens budistas da Rissho Kosei-kai)

Sendo pois, a paz, o efeito dessa unidade, é necessário promover a unidade e a paz entre as pequenas comunidades. Criando a consciência de que as pequenas comunidades bem formadas para a o cuidado do outro, ajudam a formar a grande comunidade humana. As comunidades para Edith Stein são grupos gerados por questões sanguíneas e vínculos de afinidade, onde a individualidade de cada um é essencial. (RUS, 2017).

O indivíduo vive, sente e age como membro da comunidade e, sendo assim, a comunidade vive, sente e age nele e por meio dele. Mas quando se torna consciente de sua vivência ou reflete sobre ela, não é a comunidade que está ciente do que ela vive, mas é o indivíduo que se torna consciente do que a comunidade vive nele. (STEIN *apud* RUS, 2017, p. 128)

Sem os indivíduos não existe comunidade, e cada pessoa é parte de uma comunidade dando a ela a sua contribuição, a grande comunidade humana é também formada pelas várias “pessoas” que vivem nela, pelo termo pessoa se entende os indivíduos dotados de uma essência pura, na qual os valores humanos possuem espaço para atuar.

Aqueles que optam por se fechar à comunidade, deixam de ser seus membros, pois “aquele que se fecha em si mesmo, que não faz com que sua riqueza interior se volte para o exterior[...] não abre para a comunidade o acesso às fontes que podem infundir nela energias capazes de movê-la.” (STEIN *apud* RUS, 2017, p.130).

¹⁷ 1920-2008, professora e fundadora do movimento dos Focolares, o qual possui um ideal de unidade, ela se empenhou em difundir o diálogo como meio de se chegar a fraternidade universal, recebeu em 1996 o prêmio UNESCO pela Educação à Paz.

Entretanto, a comunidade não pode perecer por aquilo que está fora dela, mas deve se impulsionar sempre mais, por meio daqueles que a constituem. É necessário um novo olhar nas comunidades, pois como Stein afirma:

A comunidade funda-se essencialmente nos indivíduos; e o seu caráter eventualmente se modifica se os indivíduos que lhe pertencem modificam o seu caráter, se novos indivíduos chegam ou se indivíduos mais velhos se retiram. [...] O caráter da comunidade depende, em primeiro lugar, da particularidade individual dos seus membros. (STEIN *apud* RUS, 2017, p. 130.)

Esse novo olhar, implica uma reeducação da sensibilidade, uma educação comunitária com base em valores de humanidade e alteridade, uma educação em prol desses valores, uma educação para a paz.

4.2 Educação para a paz e empatia

Pensar uma educação para a paz não está relacionado somente a um conhecer a “declaração dos direitos humanos” ou qualquer outro documento, nem ao menos os vários conceitos e definições sobre a paz, mas está voltada a formar indivíduos norteados pelos valores que regem essa declaração, ou seja, a dignidade e liberdade de todos os membros da família humana.

Uma educação para a paz não está fechada a processos formais de educação, como por exemplo nas escolas, mas sim está voltada a um processo formativo constante dos indivíduos, “quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade” (FRANCISCO, 2020, p. 53); assim também na filosofia steiniana, segundo Sberga:

Stein apresenta os valores como os que dão estímulo de elevação para a vida individual e comunitária. O valor forma o sentido, na vertente daquilo que é valioso, daquilo que deve ser. Por isso a comunidade não pode se conformar a ser uma comunidade qualquer, antes, deve estar centrada nos valores adequados, que se tornam fontes de transformação tanto da força vital dos indivíduos quanto da comunidade. (2014, p.295).

Uma busca constante dos indivíduos por viver segundo o mundo espiritual, mundo em que os indivíduos não são simplesmente indivíduos mas são reconhecidos como pessoas, isso acontece olhando para o outro, “o homem se

encontra a si mesmo em comunidade com outros homens.” (STEIN apud BAREA, 2015, p. 99).

Encontrar os valores universais e segui-los é possível através da disposição em se dar às experiências alheias, pois se dando nessas experiências a pessoa encontra os valores de outra pessoa e os reconhece, reconhece que essa outra “pessoa humana” possui atos que são norteados por valores que escolheu. (BAREA, 2015).

A educação para a paz acontece na comunidade, porém trata-se de uma educação pessoal, onde o outro possui um significado importante sendo ele um auxiliador, se reconhece o outro como pessoa, assim o indivíduo reconhece a si mesmo como pessoa e percebe o valor que possui e que antes não percebia. (STEIN, 2004).

O recente documento “*Fratelli tutti*” (assinado no dia 03 de outubro de 2020) do papa Francisco mostra de forma muito clara esse ponto que a filósofa judia, Edith Stein, analisando fenomenologicamente os atos de empatia julgava necessários para a realização de tal vivência. O documento diz:

Sentar-se a escutar o outro, caraterístico dum encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas «o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (...). Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi impede-nos de escutar bem o que outro diz. (FRANCISCO, 2020, p. 13).

O encontro humano possibilita o diálogo, rompe a vida daquele que está solitário, fechado em seu egoísmo, e não só de forma sensível, mas também fenomenologicamente, promove o diálogo entre duas essências, um encontro entre duas pessoas humanas (mesmo podendo estar elas em silêncio), posteriormente tal encontro gera benefícios ao próprio “eu”, pois o caminho do autoconhecimento é auxiliado pela empatia, a qual não significa fazer o bem aos outros, mas sim perceber que se está em um mundo de “pessoas”, se pode ou não empatizar e fazer o bem a outro, mas independente da ação o primeiro ato é o reconhecimento de que essa outra pessoa possui a mesma dignidade e liberdade que todas as outras.

É oportuno precisar que, para a fenomenologia, a empatia não indica um acordo genérico entre os seres humanos, um simples ser preso ao outro por atitudes benevolentes, como é entendido comumente hoje em dia, mas, mais amplamente, a capacidade humana de dar-se conta, em primeira

instância, que o outro é semelhante a mim e que pode viver estruturalmente aquilo que vivo, que compartilhamos os mesmos atos, também se articula na personalidade peculiar de cada um de nós; assim, para tal razão é possível conhecer-se reciprocamente. (BELLO *apud* BAREA, 2015, p. 102)

Desse modo, buscando as essências por meio do método fenomenológico da empatia é possível construir comunidades com vínculo de unidade, construtoras da paz. Edith Stein não teve a possibilidade de presenciar a promulgação da Declaração de 1948, nem mesmo teve a possibilidade de celebrar o fim da Segunda Guerra, entretanto sua vida e sua obra foram um desejo pela unidade e pela paz, um desejo de que o ser humano reconhecesse que é '*pessoa humana*' e estivesse em comunidade.

Em seus escritos ela diferenciou os conceitos de sociedade e comunidade, no primeiro, o indivíduo é somente um expectador que por vezes atua no mundo, no segundo conceito, o que "rege a união social e a vida em comum é a intersubjetividade e a troca por contato ativo entre os membros" (KUSANO, 2017, p. 95)

A vivência dos atos de empatia colocados por Stein, gera dessa maneira pessoas conscientes de si e de seu valor, pessoas estas que estão inseridas em comunidades nas quais estão unidas e influenciam com sua presença e seus estados interiores, pessoas que são capazes de dialogar. O diálogo por sua vez rompe com o individualismo e promove também a unidade, a unidade por sua vez gera a paz e esta por fim garante qualidade de vida e pode possibilitar uma melhor convivência entre os povos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exploração feita neste trabalho a respeito dos conceitos fenomenológicos usados por Edith Stein para explicar como se dão os atos da empatia, é possível perceber o caráter investigativo do método utilizado pela escola filosófica fundada por Husserl, a fenomenologia, tal ciência possui essa qualidade na busca pelo conhecimento, principalmente das essências, deixando a superfície e adentrando por meio das reduções até o centro de cada ato.

As essências de todos os atos humanos são os fatores mais importantes de tais ações, pois neles está contida a motivação, a razão de ser do homem. Edith Stein optou pela fenomenologia, pois encontrou nela respostas à razão de ser do homem, compreendendo que os atos humanos refletem aquilo que o espírito humano carrega em si.

A vida de Edith Stein ,foi conduzida pela filosofia, a fenomenologia foi abraçada por ela e a conduziu a escrever sua tese de doutorado sobre a empatia a partir do método de Husserl e sua escola filosófica, anos depois estando no convento carmelita ela continuou suas produções filosóficas

Em sua tese ela pode trabalhar e analisar a essência dos atos de empatia como vivências não originárias ao eu, mas sim próprias da vivência alheia que é percebida e refletida. Com isso ela pode entender que as relações humanas são relações intersubjetivas, em que um 'eu', uma singularidade humana dialoga com outra semelhante a si, toda pessoa humana é dotada de corpo, alma e espírito, na essência de toda pessoa humana reside o bem, isso é próprio de todos os seres humanos.

A essência da bondade está presente em toda pessoa com seus valores. Estão guardados como uma bagagem em sua alma, o espírito ao caminhar pelo núcleo humano reconhece os valores e aplica-lhes significado, posteriormente pode assumi-los em suas vivências. Desse modo, também a empatia é um ato espiritual, pois está ligada ao campo dos valores humanos.

Aquele que se abre a empatia é uma pessoa humana, a qual conhecendo seu interior, percebe no exterior outros que são semelhantes a si. Abrem-se às relações, este outro humano é semelhante em dignidade, em sua essência há bondade, que é guiada por valores.

As relações intersubjetivas e empáticas possibilitam ao homem um crescimento no autoconhecimento, aquele que olha para outro vê a si mesmo, pois vê outra pessoa diante de seus olhos, aquilo que em seu interior não consegue perceber, ela consegue ao olhar os valores de outro, refletidos em suas vivências.

A pessoa humana não vive só, mas está inserida em comunidades, as quais são formadas tanto naturalmente por questões sanguíneas, como a família ou um povo, mas também por questões de afinidades, como círculos de amigos ou de profissionais. Estas comunidades, segundo Edith Stein devem ser bem formadas dentro dos valores de humanidade para que possam ser saudáveis e se desenvolver.

No século em que a filósofa judia viveu e também hoje, as comunidades humanas são feridas pelas guerras, geradas por divisões e promotoras de outras divisões, guerras que surgem pelo fato dos seres humanos não olharem para os demais como verdadeiras pessoas semelhantes. As guerras as quais, muitas vezes não são armadas, mas que rebaixam o homem e ferem sua dignidade.

A empatia steiniana vem colaborar para que o olhar humano, formado em sua educação já inicial, seja redirecionado. A paz não é o resultado de grandes projetos sociais e caritativos, mas sim uma consequência de pessoas saudáveis interiormente, as quais conseguem sair de si mesmas. Aquelas que se esforçam em colocar suas próprias percepções entre parênteses para dar atenção as percepções de um outro ser humano.

Nesse caminho de olhar para o outro e reconhecê-lo como pessoa, o próprio homem amadurece ao ver no outro, valores nele próprio que antes não percebia. A empatia steiniana, aponta para esse reconhecer o outro como pessoa e se permitir viver com esse, outro, aquilo que ele vive em certo momento de sua vida. A empatia

gera unidade entre as pessoas, pois os eus, de uma e de outra pessoa se encontram.

A unidade nas comunidades, o ato da empatia vivido nas pequenas comunidades possibilita o amadurecimento dos seres que a compõem. Esse amadurecimento se refere a um voltar para a essência mais profunda do homem que é a bondade, e a bondade possibilita a construção da paz. A paz é construída constantemente e os atos de empatia colaboram em sua construção.

Assim sendo, a paz, a fraternidade humana, a melhor convivência entre os povos implica um processo formativo de educar para a sensibilidade com o alheio, com o estranho. Procurar a essência do outro, educando para a abertura ao diálogo com o desconhecido para que se torne conhecido e respeitado em sua dignidade humana.

Essa pesquisa não é fechada, mas aberta ao alheio, para novas contribuições. A verdade como acreditava Edith Stein é imutável, entretanto, para se chegar ao conhecimento desta verdade, são necessários muitos processos, processos de abertura, os quais enriquecem cada questão. A pesquisa apresentada se abre para que outras indagações, por exemplo: como reeducar uma sociedade que é formada para o individualismo? Como implantar nos processos educacionais formais um ideal de unidade e empatia? E tantas outras questões que o leitor poderá desenvolver a partir de suas próprias concepções.

Edith Stein vivendo a Primeira Guerra de forma consciente e tendo a visão de educadora, inspira os homens do século XXI. Analisando a essência dos atos de empatia e apresentando como algo próprio da pessoa humana. A morte de Edith Stein, na Segunda Guerra, comprova a falta de reconhecimento da dignidade humana, dos seus valores próprios.

Os conceitos apresentados em sua obra unem as falas, dos diversos documentos e também das diversas vozes que buscam meios para melhorar a convivência humana, tão ansiosa pela paz.

Este trabalho tem a pretensão de convidar todas as pessoas humanas a se aprofundarem no reconhecimento de sua própria essência de bondade. E buscar vivenciá-la por meio dos atos de empatia, reconhecendo o outro que está mais próximo de si. Sendo assim, construtoras de unidade, promovendo uma nova cultura, a cultura da paz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renaldo Elesbão. A empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, v. 12, n. 48, 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/048cadernosihu.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BAREA, Rudimar. **O tema da empatia em Edith Stein**. 2015. 117 p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, área de concentração em Filosofia Teórica e Prática) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9149/BAREA%2C%20RUDIMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 ago. 2020.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 14 ed. São Paulo: Paulinas, 2005. 131 p.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. 97 p. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf . Acesso em: 09 out 2020.

FRANCISCO; AHMAD, Al-Tayyeb. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum. Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019. 8 p. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

GARCIA, Maria Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, 138 p.

GRZIBOWSKI, Silvestre; BAREA, Rudimar. Empatia e Ética na fenomenologia de Edith Stein. **Revista Ágora Filosófica**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 34-46, jan. 2015. ISSN 1982-999X. Disponível em:

<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/714>. Acesso em: 05 set. 2020.

KUSANO, Mariana Bar. A **antropologia de Edith Stein**: entre Deus e a filosofia. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2014, 149 p.

LUBICH, Chiara. Discurso aos 300 dirigentes dos jovens budistas da Rissho Koseikai. Tóquio, 24 novembro 1985. 1 f. disponível em:

https://centrochiaralubich.org/downloads/chi_19851124_br.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

NUNES, Etelvina Pires Lopes. Constituição do outro e do si mesmo a partir da Einfühlung em Edith Stein. **Ideas y Valores**, Bogotá, v. 68, n. 171, p. 105-121, Dez. 2019. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00622019000300105&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 ago. 2020.

NUNES, Inaê de Proença. BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Algumas facetas da corporeidade em Edith Stein: Contribuições para um novo horizonte do estudo da corporeidade. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4, 2010. Rio Claro – SP. **ANAIS...** Rio Claro – SP: SIPEQ, 2010. Disponível em:

<https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/53.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

RUS, Éric de. Pessoa e comunidade segundo Edith Stein: uma experiência da comunhão. In: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian. **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017, p119 – 143.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein**: a construção do ser pessoa humana. 2 ed. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2017, 110 p.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2014, 423 p.

SCIADINI, Patrício. **Edith Stein**: perder para ganhar. 4 ed. Fortaleza: Edições Shalom, 2007, 141 p.

SILVA, Mario Correia da. Contribuições de Martin Buber para uma antropologia autêntica e simples. **De Magistro de Filosofia**. Anápolis, v. 7, n. 14, p. 53 – 68, 2 semestre, 2014. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2014/10/Contribui%C3%A7%C3%B5es-de-Martin-Buber-para-uma-antropologia-aut%C3%AAntica-e-simples-%E2%80%93-M%C3%A1rio-Correia-da-Silva.pdf>>. Acesso em: 10set 2020.

STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatia**. Madrid; Editorial Trotta, 2004, 141 p.

ZILLES, Urbano. Notas sobre o conceito de pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, Miguel; FILHO, Juvenal Savian. **Diálogos com Edith Stein**: filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017. p. 369 – 394.